

O OLHAR DE GEORG SIMMEL E BYUNG-CHUL HAN SOBRE O INDIVIDUO CONTEMPORÂNEO

GEORG SIMMEL AND BYUNG-CHUL HAN'S VIEW ON THE CONTEMPORARY INDIVIDUAL

Nikolas Corrent¹

RESUMO: O desenvolvimento de uma sociedade pautada em relações que excedem os limites neuronais e que como consequências determinam o aparecimento das mais expressivas formas de violência neural já registradas, e que além disso, são auto infligidas, tornam significativas as discussões que têm como objetivo o debate prolífico. Não obstante, tornar claro o desenvolvimento dessa sociedade só faz levantar perguntas que explorem as consequências e tomem consciência do destino a que se aventura. Para subsidiar a discussão, utilizou-se como aporte teórico Byung-Chul Han (2017) e Georg Simmel (2005). O que aqui se busca é determinar a formação de uma sociedade baseada no desempenho e na positividade, as consequências para os sujeitos individuais e as questões que daí se aventam.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade. Positividade. Cansaço. Blasé. Exaustão.

ABSTRACT: The development of a society based on relationships that exceed neuronal limits and which, as a consequence, determine the appearance of the most expressive forms of neural violence ever recorded, and which, in addition, are self-inflicted, make the discussions that aim at prolific debate. However, making clear the development of this society only raises questions that explore the consequences and become aware of the destination to which it ventures. To support the discussion, Byung-Chul Han (2017) and Georg Simmel (2005) were used as theoretical input. What is sought here is to determine the formation of a society based on performance and positivity, the consequences for individual subjects and the questions that arise.

KEYWORDS: Identity. Positivity. Tiredness. Blase. Exhaustion.

* Artigo apresentado para a conclusão da disciplina de História, Subjetividades e Identificações, ministrada pela Profa. Dra. Andréia Vicente da Silva no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste).

¹ Doutorando em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). Mestre em História pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro). Professor Colaborador do Departamento de Serviço Social da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro) e da Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED/PR). E-mail: nik_corrent@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7628-6493>.

Introdução

É evidente que a sociedade como órgão vivo que representa o conjunto das relações sociais que se estabelecem entre os indivíduos, apresenta ao longo do tempo diferentes formas de ser e parecer. Dito de outro modo, a sociedade como produto de relações humanas, transforma-se à medida que o tempo passa. As relações que ali existem em determinado momento do tempo e espaço, deixam de existir e dão lugar a novas formas de conceber o tecido social que ali se constitui.

Dessa forma, as constantes modificações sociais dão amplo campo de debate e estudo para as Ciências Sociais, para a História, a Filosofia e demais ramos do conhecimento que exploram e buscam compreender essas transformações. A necessidade de compreensão, por parte do conhecimento, por si só já constituiria amplo tema de pesquisa e esclarecimento. Poderíamos dizer que faz parte da natureza humana buscar o conhecimento, mas aí iríamos esbarrar na discussão acerca da natureza humana, outro tema que poderia nos dar amplo campo de debate.

Assim, buscando não somente compreender as mudanças sociais que possibilitaram a constituição deste momento único, nossa sociedade da positividade negativa, este artigo funda-se nessa premissa e de forma sucinta espera de alguma forma tornar mais claro o processo que nos levou a atual constituição desse novo modo de ser social. As bases teóricas que têm a imensa tarefa de nos dar suporte e fundamento, estão ancoradas no pensamento de dois grandes teóricos deste tempo: Georg Simmel (2005a; 2005b), sociólogo alemão que teorizou em seus estudos sobre a individualidade humana, e Byung-Chul Han, filósofo sul-coreano, autor da obra de destaque intitulada *Sociedade do Cansaço* (2017).

Portanto, não se trata apenas de revisão das obras destes dois grandes pensadores, mas da articulação de seu pensamento junto a um diálogo que nos possibilite compreender toda a transformação social que se endereçou a tornar-se aquilo que hoje é. As pressões sobre os indivíduos exercidas sob a forma de

uma sociedade que exige o máximo que um sujeito estiver a oferecer. A positividade tóxica que determina a insaciabilidade dos desejos de consumo em mundo marcado pela opressão do capital. As barreiras construídas pelos indivíduos em frente a si próprios por meio de máscaras virtuais que se traduzem em seus perfis de redes sociais. A necessidade de afirmar-se individualmente em um mundo cada vez mais homogeneizado socialmente.

Esta discussão tem o objetivo de fornecer explicações a esses fenômenos sociais que tornaram a sociedade contemporânea tão singular em próprio espaço e tempo. Mas não finda a si a pretensão de concluir o assunto ou fornecer respostas definitivas que encerrem o assunto. Pelo contrário, a intenção deste trabalho é suscitar novos questionamentos, explorar a problemática e sob novos ângulos ou pontos de vista, criar problemas a serem resolvidos. Se a busca for por uma solução final, este trabalho não terá o sucesso de fornecê-lo.

Para uma concepção de identidade contemporânea

“Quem sou eu?” Talvez esta seja a pergunta mais difícil de ser respondida por qualquer pessoa que seja. A identidade do ser sempre foi tema de debate e jamais se chegou a um consenso. Em tempos contemporâneos, de redes sociais e globalização, onde o acesso à informação e a velocidade com a qual está é compartilhada, o “eu” recebe de todas as direções e de todas as formas novas informações que a partir daí faram parte de um conjunto de ideias individuais que irão formar um novo “eu”, e assim sucessivamente.

É evidente que essa concepção de “eu” torna a identidade um fator de difícil definição. Se estivermos a todo o momento nos transformando com as novas informações recebidas como poderemos afirmar ser alguém permanente? O “eu” que muda a todo instante e que vive em um constante “vir a ser” não é uma novidade da contemporaneidade.

Muito antes dos tempos contemporâneos, no século VI na Grécia Antiga, um filósofo já refletia o que viria a ser discutido nos tempos atuais, Heráclito de Éfeso, que em um de seus fragmentos afirmou que “No mesmo rio

entramos e não entramos, somos e não somos” (1973). Chauí (2007) aponta esta como a tese central do pensamento do pré-socrático, “que o mundo é mudança contínua e incessante de todas as coisas e que a permanência é ilusão” (CHAUÍ, 2007, p. 81). A única verdade é o movimento, o vir a ser.

Dessa forma, para Heráclito um homem não pode entrar duas vezes em um mesmo rio, pois tanto o rio quanto o homem já não são mais os mesmos, já que tudo flui em um ritmo incompatível com qualquer ideia de permanência. A questão colocada pelo filósofo da antiguidade é a de que a vida do ser é um constante movimento, não somos os mesmos de ontem e não seremos os mesmos de amanhã.

Nesse sentido, apontar uma identidade permanente para o ser se torna impossível. Apesar disso, Heráclito aponta que “O ser é um, o primeiro; o segundo é o devir”, e, portanto, o ser jamais deixará de ser o próprio ser, porém, sua formação será o constante devir (CHAUÍ, 2007). Assim, somos formados pelo constante movimento e falar em natureza permanente não faria sentido, pois somos seres dinâmicos e nossa identidade flui no devir.

Em tempos mais recentes o pensamento de Heráclito volta a ser discutido e aprofundado por diversos pensadores da modernidade. Foucault (1979) trabalhou com a noção de um indivíduo a margem das estruturas de poder. Para Foucault (1979), o poder deve ser concebido como uma prática social constituída historicamente, pois evidencia formas díspares, heterogêneas, as quais estão em constante variação. Foucault (1979), adverte que o poder está por toda parte e acarreta ações e uma relação flutuante, não estando em uma instituição nem em nenhum sujeito. “Não está no rei, no presidente, em uma pessoa, mas nas relações sociais existentes, sendo ações sobre ações” (BODART, 2021). Essa visão parece determinista, visto que nossa identidade seria forjada pelo conjunto de estruturas sociais que delimitam nossas possibilidades de vir a ser. Já outros, como Sartre (1987), determinaram que o ser é o único responsável por suas ações. A concepção existencialista coloca o ser em primeiro plano, e assim nossa identidade só pode ser definida por nós

mesmos. Noutra perspectiva, Hegel defendeu uma visão dialética do “ser”, aqui resumida:

No drama existencial em que nos encontramos ao desenfreadamente buscar sentido para nossa identidade e o movimento que dá vitalidade a nossa existência é que encontramos as constantes contradições da vida. Outrossim, estas contradições do ser e não-ser é que ascentivamente constroem a identidade do sujeito. Só podemos ver esta construção num processo dialético de luta entre oposições para a síntese da própria identidade que, constantemente entra em conflito com outrem. Este conflito é fato dentro da finitude humana, necessário para o crescimento do humano e, conseqüentemente, para o seu fim (KOTZ; PINHEIRO, 2020, p. 4).

Nesse sentido, a constante luta entre os contrários é o que põem em movimento a própria vida, outra noção resgatada de Heráclito que defendia essa visão de opostos que se equilibram para formar um (CHAUÍ, 2007). É neste mundo que flui, de opostos que colocam a vida em movimento, é que surge a liquidez do presente, a modernidade líquida de Bauman (2001). Um presente norteado por incertezas e dúvidas:

A crise, que outrora era constituinte do paradigma humano, agora se torna um paradigma vivencial, neurótico, volátil, inconstitucional da própria existência humana. A crise tornou-se líquida. A identidade se liquefez. O mundo tornou-se líquido, flutuante num mar inconsistente, sem âncora, volátil e passageiro. Não há mais onde firmar os pés e até mesmo o chão da vida tornou-se areia movediça que engole aqueles que nele tentam se firmar. É um mundo de caos, de dramas, de frustrações, um mundo sem chão (KOTZ; PINHEIRO, 2020, p. 5).

Na concepção *baumaniana* se torna praticamente impossível concebermos uma identidade humana em tempos líquidos, onde tudo escapa e nada é permanente (BAUMAN, 2001). Tempos líquidos como a água, que se ajusta conforme o recipiente, somos agora seres que se ajustam e se adaptam conforme as necessidades, sem, no entanto, nos vincularmos permanentemente a algo qualquer que seja.

Neste novo mundo “as escolhas se tornaram provisórias, as coisas que outrora foram feitas para durar, tornaram-se curtas, descartáveis, líquidas” (KOTZ; PINHEIRO, 2020, p. 5). A estabilidade se perdeu, conceitos como

“comunidade” já não fazem mais sentido. Em mundo governado pelo mercado, o que mais importa é a competição, o ganho próprio, sem, no entanto, apegar-se a algo, pois se apegar é perder competitividade.

Para Bauman (2001), neste novo mundo líquido, a insegurança toma conta e o medo do diferente se torna cada vez mais evidente. O racismo e a xenofobia se destacam. A imigração é vista com um olhar de desconfiança. A propriedade privada se torna o bem maior do indivíduo, que quer fazer de tudo para protegê-la.

Toda essa incerteza e insegurança com a qual o indivíduo tem de lidar neste mundo contemporâneo causam doenças e problemas psicológicos novos, e em escala cada vez maiores. A ansiedade, a depressão, síndrome de Burnout, dentre outras, são problemas deste novo mundo das individualidades em movimento.

Nessa perspectiva, Byung-Chul Han em sua obra *Sociedade do Cansaço* (2017) alerta para essa sociedade da positividade, onde toda a atividade deve dar prazer, eliminar o tédio e nos livrar de qualquer insatisfação. Para Han (2017), esse excesso de positividade aliado à transitoriedade da vida contemporânea tem causado impacto em nossas mentes, e dessa forma vivemos sobrecarregados e estressados. Atentos a qualquer sinal de doença nos tornamos reféns do medo existencial, “buscamos nos proteger do que não se pode evitar: a morte” (HAN, 2017, p. 110). Além disso, nos tornamos reféns das grandes corporações, incentivados pela sociedade de mercado e pelo consumismo. Nas palavras de Carlos Drummond de Andrade: deixamos de ser “eu” e nos tornamos “coisa” (ANDRADE, 1984, p. 85).

Assim sendo, a ideologia contemporânea nos faz crer que somos ideações livres e não indivíduos submissos. Han (2020), analisa as distintas técnicas de poder influentes em nosso tempo, que se direcionam sobre as mentes e as emoções, empregando “psicotecnologias” objetivando o aumento de eficiência e desempenho, coagindo os indivíduos a se explorarem invariavelmente confiando ser livres. Nesse contexto, o autor desenvolve a noção de “conquista” das mentes dos indivíduos através de práticas neoliberais,

as quais encontram desaforo nas mídias sociais digitais e impõem, com isso, uma colonização neoliberal que afetam a dimensão do “eu”.

O sujeito do regime neoliberal perece com o imperativo da otimização de si, ou seja, ele morre da obrigação de produzir cada vez mais desempenho. A cura se torna assassinato. [...] A psicopolítica neoliberal é uma política inteligente que busca agradar em vez de oprimir (HAN, 2020, p. 44).

Diante dessa perspectiva norteadora, se faz necessário realizar o diagnóstico que precede a formação desse indivíduo tão singular da atualidade. Essa lacuna é objeto de estudo de Georg Simmel (2005a, 2005b), o qual vem destacar a formação da individualidade dentro das transformações ocorridas durante o período do Renascimento no século XVIII.

Para um diagnóstico da identidade contemporânea

O diagnóstico de Simmel (2005a) para o aflorar da individualidade humana, conforme mencionado, remonta ao século XVIII e a Renascença italiana. O autor não entra na discussão sobre a supressão da individualidade no período da Idade Média, mas corrobora o Renascimento como época em que o mundo viu surgir novamente os anseios da humanidade pelo afirmar-se a si próprio, ou, a necessidade do indivíduo de destacar-se, fazer-se enxergar suas características individuais perante o coletivo.

Essa constatação já se apresenta na forma divergente como os homens se vestiam. Não era questão de a moda estar em declínio, ou até mesmo de uma falta de identidade pela qual os sujeitos passavam. Era o exato oposto da falta de identidade, era o princípio de uma afirmação que a muito não se constatava no ocidente, o afirmar-se a si próprio, a busca pela diferenciação diante da homogeneidade dos costumes (SIMMEL, 2005a). Em uma sociedade que pecava em termos de pluralidade cultural e multiculturalidade social, onde o homogêneo dominava a cena e se preconizava sobre o distinto de cada um, a individualidade rompeu como um homem atirado ao mar que tenta desesperadamente se salvar.

Esse individualismo nascente, essa busca pela distinção individual e particular de cada um, fez surgir e enredar um novo sentimento sobre o velho

mundo ocidental. A liberdade foi o grande tema do século XVIII. Segundo Simmel (2005a), a “liberdade torna-se no século XVIII a bandeira universal pela qual o indivíduo protege seus mais variados desconfortos e necessidades de autoafirmação em relação à sociedade” (SIMMEL, 2005a, p. 45). É a liberdade a grande musa do homem deste tempo passado, o louvor a tal conceito se deve em gênese ao Renascimento. Porém, ao longo do tempo o ideal libertário vai se constituindo e se modificando conforme as novidades que vão se apresentando.

A vida era ali ainda muito repressiva, e a liberdade não se configurava em mais do que um sonho distante. A luta por esse ideal estava pautada nas constantes limitações as quais estava imposto esse homem do passado. A igreja ainda exercia seu poder e sua influência sobre a sociedade. O Estado com toda a sua aparelhagem era o grande leviatã que rondava a cabeça dos homens humildes. O homem do campo era muito limitado a suas condições de trabalho. Pouca, ou nenhuma, liberdade tinha o camponês que para sobreviver trabalhava em regime de servidão (SIMMEL, 1983). A personalidade individual, por mais que se insinuasse a insurgir sob a égide de um novo tempo, um tempo dedicado a liberdade individual, não era se não artigo de luxo para poucos e privilegiados (SIMMEL, 2005a).

Simmel (2005b) articula em seu texto que a supressão das individualidades pelo meio circundante foi o motor que colocou a busca pela liberdade em movimento. O reconhecimento geral era o da igualdade dos homens perante os olhos divinos. Os homens nasciam todos iguais, então por que é que eram tratados de forma diferente? A resposta encontrada só poderia estar atrelada as condições sociais que se constituíram ao longo do tempo. Assim, o fator limitante para a igualdade era a injustiça criada artificialmente por uma sociedade que priorizava determinados grupos em detrimento de outros (SIMMEL, 2005b).

A resposta a essa injustiça foi a busca por uma liberdade que colocasse em evidência não o homem em geral, mas o homem genérico, o pertencimento individual e único de um determinado indivíduo a um todo muito mais amplo.

Os, nesse contexto, homens nascem no mundo sem quaisquer afiliações prévias. Sua constituição se dá a medida com que evolui e se desenvolve. O caráter de igualdade entre os homens é então pronunciado diante de sua condição de nascimento. A liberdade que se vincula a partir daí é consequência de uma condição natural de nascimento. Se os homens nascem todos iguais, deveriam ter as condições de liberdade necessárias para o desenvolvimento de seu pleno direito potencial de ser (SIMMEL, 2005b).

Simmel (2005b) destaca outra singularidade dessa descoberta realizada pelo ocidente no século XVIII. O homem que se forma perante um prisma de igualdade foi libertado de tudo aquilo que não se constitui como ele mesmo, visto que o valor de cada indivíduo tem seu fundamento nele próprio, na sua autorresponsabilidade; com isso, no entanto, naquilo que ele tem em comum com todos (SIMMEL, 2005b). Mas antes que a isso se apregoe uma espécie de existencialismo, o homem ainda não se encontrava só no mundo. Havia na compreensão deste homem algo que o ligava intimamente a todos os outros. Simmel (2005b) fala dessa conexão como uma forma de mitigação da responsabilidade que o individual colocava sob os ombros de cada um. Esse homem que vinha surgindo ainda não estava preparado para assumir toda essa responsabilidade.

Mas onde reside então a individualidade inerente de cada um? Simmel (2005a) invoca Rousseau para dizer o contrário do individual. No homem o que há de individual, dirá Simmel através de Rousseau (1973), é a parte mais superficial do Ser. Em essência, o homem que se volta verdadeiramente para si próprio, e que no fundo de sua alma se reconhece e se encontra, retornará como resultado da mais completa comunhão entre os homens, a bondade. Os homens, dessa forma, são todos iguais se perante si mesmos forem honestos e verdadeiros e puderem assim encontrar sua essência.

Simmel (2005a) alerta para as consequências que a determinação de uma essência comum a todos os homens poderá causar ao tecido social. Se em essência a bondade se encontra inata nos homens, estes não precisam de instâncias superiores que os guiem como rebanho para um conjunto de valores

bons. Se em natureza o homem é bom, as relações humanas não precisam de intervenções, pois a bondade imanente em cada um prevalecerá (ROUSSEAU, 1973).

Nesse intento, Simmel (2005a) demonstra como as relações sociais exercidas na metrópole estabelecem influências na vida de seus habitantes, seja em suas personalidades e até mesmo em suas mentes, visto que é na cidade grande ocorre a intensificação da vida nervosa.

Para isso, Simmel sugere o conceito de *blasé*, o qual surge a partir da cidade grande. Segundo o autor, a cidade grande é um ambiente cujos locais são distantes, predominam as vivências com desconhecidos, nas quais não se tem pessoalidade e tudo acontece de forma funcional (SIMMEL, 2005a).

Dessa maneira, a personalidade urbana é caracterizada pela falta de solidariedade, pela desconfiança e pelo temperamento reservado. Além disso, o sujeito da cidade grande tende a ser indiferente a tudo, mesmo tendo uma maior liberdade (SIMMEL, 2005a).

De toda essa busca humana pela liberdade enveredada no século XVIII, Simmel (2005a) destaca que à fez surgir seu oposto, a desigualdade. Da mesma forma que a liberdade era pressuposto para a igualdade frente os homens, o autor destaca seu papel na desigualdade vindoura. A distinção novamente entra no contexto das relações que se exprimem na sociedade. Para ele:

Todas as relações com os outros são, ao fim e ao cabo, apenas estações no caminho em busca de si mesmo, seja porque se sente igual aos outros e sozinho com suas próprias forças, precisando do apoio desse tipo de consciência, seja porque, com a capacidade de encarar a solidão de frente, os outros existem para permitir a cada indivíduo a comparação e a visão da própria singularidade e individualidade do próprio mundo (SIMMEL, 2005a, p. 114).

A contradição formulada na busca pela liberdade, entre uma igualdade entre os homens e uma desigualdade esboçada na singularidade individual de cada um, mero desejo de ao mesmo tempo, paradoxalmente, ser único e parte de algo maior. O homem quer imprimir sob o mundo sua marca individual, sua personalidade, aquilo que o distingue, e ao mesmo tempo quer a igualdade

inerente a sua natureza, quer que seja feita da essência de ser humana, um pressuposto para a execução de um direito de ser livre (SIMMEL, 2005a).

Com isso, Simmel (2005a) esboça os resultados dessa construção feita sob o passado, “com certeza, a teoria da liberdade e igualdade é o fundamento da livre concorrência, enquanto a personalidade diferenciada é o fundamento da divisão do trabalho” (SIMMEL, 2005b, p. 114). A síntese foi feita pelo século XIX na modernidade, e deu origem ao problema do novo indivíduo. O liberalismo que surgiu no século XVIII deu novas possibilidades ao ser humano, e lhe entregou uma responsabilidade que viria a se derramar na angústia dos novos tempos. A concorrência estimulada pelas novas formas de se ver o horizonte das possibilidades teria encontro na teoria de outro teórico aqui abordado, Byung-Chul Han (2017).

A sociedade da positividade

[...] esgotado de si mesmo, de lutar consigo mesmo. Totalmente incapaz de sair de si, estar lá fora, de confiar no outro, no mundo, fica se remoendo, o que paradoxalmente acaba levando a autoerosão e ao esvaziamento. Desgasta-se correndo numa roda de hamster que gira cada vez mais rápida ao redor de si mesma (HAN, 2017, p. 91).

As características herdadas do Renascimento culminaram na forma de uma economia capitalista. O liberalismo foi dando corda a livre concorrência. A livre concorrência foi se disseminando em um novo tipo de enfermidade. A enfermidade do século XXI, a violência neuronal. Han (2017) esclarece que cada época é marcada por um tipo de enfermidade específica de seu próprio espaço/tempo. Dessa forma, a enfermidade, ou melhor dizendo as enfermidades que marcam esse primeiro quarto de século são enfermidades que atingem especificamente a psicologia humana.

Nunca na história de nosso planeta a sociedade enfrentou tantos problemas psicológicos como o que enfrentamos agora. Doenças como o Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), a Síndrome de

Burnout², ansiedade e depressão, estão no topo das listas de problemas de saúde da maioria dos países³. Han (2017) destaca que ao contrário do que se possa pensar, não é um pessimismo, uma negatividade que aflige o Ser e lhe causa tantos problemas psicológicos. É antes, um problema marcado por um excesso de otimismo, um excesso de positividade.

Nossa sociedade atual, é a sociedade da positividade. Segundo Han (2017), vivemos na sociedade do cansaço, a qual “naturalizou a exigência excessiva por produtividade, pela alta performance e pelos resultados, tudo isso sob o pano da positividade” (HAN, 2017, p 22).

A “sociedade da positividade” é um termo utilizado por Han (2017) para descrever a cultura contemporânea que valoriza excessivamente o pensamento positivo e a felicidade como objetivos principais da vida. Essa sociedade é marcada pela crença de que as pessoas devem sempre estar felizes, otimistas e satisfeitas, e que qualquer emoção negativa ou dificuldade deve ser superada rapidamente. A pressão para estar sempre “bem” pode levar à invalidação de sentimentos legítimos de tristeza, frustração ou dor, além de estimular a busca excessiva por soluções rápidas e superficiais para os problemas. A “sociedade da positividade” pode contribuir para o aumento da ansiedade, do estresse e da insatisfação com a vida, além de reforçar uma cultura de individualismo e superficialidade.

Neste início de século XXI, o estado patológico da sociedade se deve ao desenvolvimento de um sistema econômico voltado ao desenvolvimento do *self*. Dito de outro modo: o “eu” entra em ação para afirmar sua identidade, o “eu” só pode se afirmar em relação a um “outro”. O que Han (2017) vem diagnosticar é justamente a falta de “outro” na esfera do “eu”. Essa falta do “outro” é a aniquilação de um sistema de resposta autoimune do “eu” perante

² O conceito de Burnout surgiu para nomear o esgotamento típico das profissões de cuidado. É compreendido como uma síndrome psicológica decorrente do estresse crônico laboral, composta por três dimensões: exaustão emocional, despersonalização/cinismo e baixa realização pessoal (VIEIRA; RUSSO, 2019).

³ Discussão levantada na 72ª Assembleia Mundial de Saúde, realizada em maio de 2019, em Genebra, na Suíça, com a participação dos 194 países-membros da Organização Mundial da Saúde (OMS).

uma síndrome do “igual”. Só podemos ser aquilo que somos mediante o reconhecimento de um ente social distinto de nós mesmos.

Essa dualidade de um “eu” versus um “outro” é como uma ferida em nossa sociedade. A afirmação de nosso “eu” é tão profunda que a mera insinuação do “outro” já infere em nosso “eu” a mais profunda negação desse “outro” (HAN, 2017). Byung-Chul Han, acredita que quanto mais iguais somos, mais a produção aumenta. Para ele, “a diferença é contrária aos objetivos do neoliberalismo (HAN, 2017, p 23).

Antes seria a resposta a esse enfrentamento da subjetividade do eu perante um outro, a alteridade. A alteridade se apresenta nessa forma invasiva do outro na esfera singular do eu. Para Han (2017) a alteridade, um estado negativo da aproximação de um outro ao universo subjetivo do eu, foi solapada por um desenvolvimento passivo de uma igualdade firmada em uma sociedade que se desenvolve em estado excessivo de positividade. O ataque ao “eu” se encontra então fundamentado na síndrome da possibilidade infinita da igualdade perante a constante marcha do positivo.

Muito além de uma sociedade forjada pela disciplina e pelo rigor da exigência, Han (2017) rearticula a sociedade desenhada por Foucault e suas relações de poder. O poder deixa de emanar seu caráter disciplinador, ele vem dar lugar a uma forma nova de desenvolvimento da produção social. À primeira vista, essa forma pode não parecer invasiva e prejudicial aos indivíduos como a sociedade da disciplina, mas seus efeitos são em grande escala prejudiciais a subjetividade.

Dessa forma, o que vem completar a sociedade disciplinar é uma sociedade *fitness*, uma sociedade de escritórios, de bancos, de *shopping centers*, é enfim uma sociedade do positivo. A disciplina já não é mais objeto de motivação particular de cada indivíduo. Isso deu lugar ao “sujeito de desempenho”. Han (2017) esclarece que a sociedade disciplinar teorizada por Foucault e encontrada nos primórdios do capitalismo, é uma sociedade negativa. É marcada pela proibição e pelo não-ter-direito. O que se configura

agora é algo completamente diferente. É o sujeito exaurido por um excesso de possibilidades.

A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho. Também seus habitantes não se chamam mais ‘sujeitos de obediência’, mas sujeitos de desempenho e produção. São empresários de si mesmos (HAN, 2017, p. 22).

O que marca a sociedade da negatividade é a negação, é a formação de delinquentes e lunáticos. Ao contrário, a sociedade da positividade se caracteriza pela positividade, é o sim que a torna tão opressiva. O que se forma em sua positividade exacerbada são os fracassados. Em mundo onde tudo é possível, basta querer, o fracasso é a marca do que não consegue. A passagem de uma sociedade para a outra é a marca de um inconsciente social que há muito se desenvolve na sociedade, “o desejo de maximizar a produção” (HAN, 2017, p. 34).

O filósofo sul-coreano argumenta que a sociedade disciplinar continha em sua constituição limites para as possibilidades de produção. Esses limites não poderiam ser quebrados se não por uma completa transformação do modo de produção, na verdade, muito além do modo de produção, o tecido social precisaria se alterar (HAN, 2017).

A relação do sujeito da sociedade disciplinar com o trabalho é marcada pela exigência, pela obrigação. O sujeito disciplinado não vê na produção uma satisfação de si próprio. O que ele enxerga tampouco se relaciona em seu interior com um desejo de querer mais. Em suma, ele não se satisfaz, mas não busca por mais, ele está constantemente insatisfeito, mas insatisfeito com a exigência, com a falta de liberdade e com um horizonte que não lhe apresenta possibilidades (HAN, 2017).

Diferentemente, o sujeito da sociedade de desempenho não pensa em outra coisa que não a evolução dos números de sua própria produção. O sujeito de desempenho não reconhece “limites para o próprio corpo, ele é capaz de fazer tudo” (HAN, 2017, p. 44). O sujeito de desempenho olha para o horizonte e vê uma infinidade de possibilidades, e apesar da impossibilidade de concretizar todas elas, ele crê que sim, é possível tomar todas para si. A pressão

exercida aqui não é exterior ao sujeito, antes, ele próprio é o principal opressor. É nisso que a sociedade contemporânea vem se desenvolvendo. Antes, essa opressão era demarcada principalmente pela opressão exercida pela Igreja, pelo Estado ou por outras Instituições Sociais. Agora, o que se vê de forma alojada dentro de sua própria subjetividade o maior de todos os opressores, seu próprio “eu” (HAN, 2017).

A violência exercida contra si próprio deixa marcas, não poderia ser diferente. Essas marcas se traduzem nos problemas psicológicos que vão aumentando substancialmente com o passar do tempo. A depressão, é conforme Han (2017), uma marca da passagem da sociedade da disciplina para a sociedade do desempenho. A depressão é antes o esgotamento psíquico causado pelo “esforço desmedido em busca de um desejo que pode acabar não se conquistando” (HAN, 2017, p. 102). O sintoma principal é o sentimento de fracasso. Esse sentimento se imprime à medida que as exigências efetuadas pela própria subjetividade vão se tornando cada vez mais irreais.

Na sociedade do desempenho o homem deixou de ter limites, ele não os reconhece mais. Ele é ao mesmo tempo agressor e vítima. A soberania sobre si que a sociedade de desempenho delegou a todos os seus indivíduos têm no esgotamento mental suas consequências mais nefastas (HAN, 2017).

Han (2017) alerta ainda para outra característica que a sociedade de desempenho imprime sobre seus indivíduos. O excesso de estímulos a que estão expostos se configura na incapacidade de dirigir o foco a atividades específicas. O sujeito está, nessa sociedade, carregado o tempo todo por estímulos exteriores que rivalizam por sua atenção. O tédio profundo, ou até mesmo o tédio superficial, deixaram de ser aceitos em um mundo que compete por atenção o tempo todo. A característica de ser multitarefa não tem outro resultado se não a atrofia criativa que se desenvolve. A necessidade do tédio para a criação já foi intensamente debatida por inúmeros pensadores, visto que “pura inquietação não produz nada de novo” (HAN, 2017, p.34).

A contemplação, diz Han, perdeu seu valor em uma sociedade onde a inquietude é a nova senhora. A velocidade da vida contemporânea é também

objeto de discussão em Simmel (2005a, 2005b). O sociólogo alemão já diferenciava a vida rápida que a cidade grande exigia em comparação a vida mais lenta do campo, conforme abordado anteriormente. Han (2017) não deixa de destacar esse aspecto valorativo da letargia existente no tédio e na monotonia. O potencial de criação e reflexão da vida mais lenta também são instrumentos que atribuem descanso as perturbações da mente ativa.

Han (2017) analisa também o conceito de vida ativa definido pela filósofa Hannah Arendt. Em seu texto, o sul-coreano esclarece que a sociedade moderna criou nos indivíduos uma passividade frente o agir consciente. Dito de outro modo, eles deixaram de ter consciência de suas próprias ações e as efetuam por pura inércia ou automação. O sujeito, nesse sentido, teria se transformado em um mecanismo, ou máquina que faz somente o que dele se espera. Ele é o “*animal laborans*, o homem trabalhador” (ARENDDT, 2005, grifo da autora).

Ao contrário, o indivíduo da sociedade do desempenho não se limita a uma passividade do ser. Ele é antes de tudo ativo. Nas palavras de Han (2017, p. 43, grifo do autor) “o *animal laborans* pós-moderno é provido do ego ao ponto de quase dilacerar-se”. Diferentemente do que Hannah Arendt definiu para o indivíduo moderno, o contemporâneo é uma espécie de sujeito hiperativo que nunca se desliga. Dotado de intensa atividade neural, a ponto de se transformar em neurose, ele está sempre em busca de suas infinitas e inalcançáveis possibilidades. As questões levantadas pela obra de Han (2017) nos deixam um pouco anestesiados diante de sua “realidade”. A tomada de consciência obrigatória nos impõe a formação de um novo tipo de consciência para o amanhã não continuar a ser o esgotamento do hoje.

Han (2017) vai chegar à conceituação da *Sociedade do Cansaço* como o conjunto de relações sociais que determinam a singularidade do momento e imprimem sobre o sujeito essa opressão contra si próprio. O cansaço é social, é enfrentado pela sociedade, mas é ao mesmo tempo um cansaço individual. O afastamento gerado pela nova forma de sociedade, que atrelou as relações sociais dos indivíduos a uma distância em que a individualidade não encontra

mais enlace com o estranhamento do outro, deu o caráter condicionado de relações que se esgotam. O cansaço assim se transforma não em um esgotamento físico do corpo, mas um esgotamento mental que impele os sujeitos ao absoluto nada. O esgotamento mental gerado pela sociedade do desempenho elimina a vontade de potência do ser humano, que se vê a margem de qualquer possibilidade de reação (HAN, 2017).

Esse discurso presente na sociedade contemporânea visa promover a ideia de que qualquer pessoa pode alcançar a felicidade e o sucesso por meio da mudança de sua mentalidade e da adoção de técnicas e estratégias de autodesenvolvimento. Essa prática é constantemente reforçada por *coaches*⁴ e gurus do bem-estar que oferecem serviços de coaching e palestras motivacionais, entre outros recursos, que prometem ajudar as pessoas a se tornarem mais confiantes, produtivas e felizes.

No entanto, essa cultura do coaching também pode levar à pressão excessiva para alcançar objetivos elevados, criando ainda mais ansiedade e frustração em indivíduos que se sentem incapazes de alcançar essas metas. Dessa forma, se antes os sujeitos eram seres ativos que buscavam dentro de sua própria individualidade realizar suas potências positivas, na sociedade do cansaço estão limitados pela força da positividade que lentamente vai lhes sugando a capacidade de reação e os transformando em meros bonecos portadores das mais severas angústias existências que se apresentam aos indivíduos. A ansiedade e a depressão, o esgotamento e o Burnout, a hiperatividade e o TDHA, são os sinônimos dessa sociedade dominada não por uma negatividade, mas por uma força positiva tão esmagadora que tornou os sujeitos em corpos sem consciência (HAN, 2017).

Considerações finais

Este trabalho se aventurou a buscar uma significação para o desenvolvimento de uma sociedade que se afunda em si própria e no seu

⁴ O *coaching* não é uma disciplina como a psicologia, a biologia e a medicina. Tampouco é uma ciência, nem pretende sê-lo. O *coaching* não é uma profissão regulamentada, na qual alguém possa se formar de maneira oficial, nem tampouco um método específico (DELGADO, 2019).

constante tratamento dirigido a formas específicas de individualização. O sentido que aqui se pretendeu buscar, é o sentido de um mundo que em busca de uma individualidade, acabou gerando um esquecimento de si próprio. A sociedade do desempenho marca os sujeitos não como consciências individualizadas e potências de viver, mas como rebanho atraído para a miséria do autoflagelo e do arrastar-se a um sem propósito que paradoxalmente é marcado pela busca de um propósito infinito.

Além disso, a “sociedade do cansaço” é um conceito elaborado pelo filósofo sul-coreano Byung-Chul Han. Ele descreve a sociedade contemporânea como uma sociedade em que as pessoas estão constantemente sobrecarregadas, estressadas e exaustas, devido à pressão da produtividade, da competitividade e da busca incessante por sucesso. Han argumenta que essa sociedade é marcada pela falta de tempo para relaxamento, solidão, falta de vínculos sociais e emocionais, e uma cultura de narcisismo e auto exposição nas mídias sociais. Esse tipo de sociedade desencadeia problemas de saúde mental e física, bem como a um aumento do individualismo e da fragmentação social.

Já não existe a busca pelas infinitas possibilidades que o mundo contemporâneo possibilitou, o que se desenha é a constante procura por um nada que ao mesmo tempo é tudo. O nada é a significação que a sociedade atual atribui a sua incessante tentativa por tudo. Ao almejar tudo, estamos ao mesmo tempo em busca de nada, pois nos falta a consciência de que tudo não é possível ter. O direcionamento e a consciência dos limites que a nós são impostos, são pressupostos para construção de uma vida harmoniosa.

O que a sociedade do desempenho estimula, não é a busca harmoniosa, a consciência de limite e o foco na busca pelo possível. O “sujeito de desempenho” refere-se a uma forma de sujeito que é moldado pela lógica da produtividade, presente na sociedade contemporânea. Esse sujeito é incentivado a competir, a se esforçar e a buscar resultados quantificáveis em todas as áreas de sua vida, incluindo o trabalho, os relacionamentos e o lazer. Ele está constantemente sob pressão para mostrar resultados e provar seu valor através de sua performance, o que pode levar a problemas de saúde mental e física,

além de aumentar a precarização do trabalho e a fragilização de relações pessoais. Ao retirar os limites de nossa consciência e nos permitir sonhar com o ilimitado, essa sociedade nos aflige e nos marca como fracassados, depressivos e angustiados. O esgotamento é antes um sinal de como nos perdemos em meio a uma completa falta de direcionamento.

Na busca incessante por imprimir nossa individualidade no mundo, tivemos de render nossa própria consciência de pertencimento. O pertencimento deixa de existir à medida que nos entregamos ao complexo jogo efetuado pelas relações econômicas de produção e desempenho. Nosso próprio lugar no mundo foi o que vendemos. Nosso lugar já não existe mais. Quem hoje poderia afirmar com absoluta certeza que pertence ao mundo? Aqui estamos apenas existindo sem consciência de nosso lugar no espaço/tempo. A consciência já foi há muito entregue.

Referências

- ANDRADE, Carlos Drummond. **Corpo**. Rio de Janeiro: Record, 1984.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 11. ed. Trad. R. Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BODART, Cristiano. **O Poder em Foucault**: a noção de poder para o filósofo francês. Disponível em: <https://cafecomsociologia.com/o-poder-em-michael-foucault/>. Acesso em: 13 nov. 2022.
- CHAUÍ, Marilena. **Introdução à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Aristóteles, 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, v. 1.
- DELGADO, Eparquio. O seu 'coach' é um vendedor de milagres? **Jornal El País**. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/30/eps/1556632159_862860.-html#:~:text=O%20coaching%20n%C3%A3o%20%C3%A9%20uma,nem%20tampouco%20um%20m%C3%A9todo%20espec%C3%ADfico. Acesso em 27 abr. 2023.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2 ed. ampl. Petrópolis, Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica**: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Tradução: Maurício Liesen. Belo Horizonte: Âyné, 2020.

HERÁCLITO. Sobre a natureza. Trad. José Cavalcante de Souza. *In: Os pensadores*. Vol. 1. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1973.

VIEIRA; Isabela; RUSSO, Jane. Burnout e estresse: entre medicalização e psicologização. **Physis**: Revista de Saúde Coletiva, vol. 29, núm. 2, 2019.

KOTZ, Leandro José; PINHEIRO, Jean Rodrigo. A questão da identidade na contemporaneidade. **Salão do Conhecimento Unijuí**, Ijuí, v. 6, n. 6, p. 1-14, 21 out. 2020. Disponível em: <https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaconhecimento/article/view/18577>. Acesso em: 15 jul. 2022.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Do Contrato Social**: Discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens. São Paulo, Abril Cultural, 1973. (Col. Os Pensadores).

SARTRE. Jean Paul. **O existencialismo é um humanismo**. A imaginação: Questão de método. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Tradução de Rita Correia Guedes, Luiz Roberto Salinas Forte, Bento Prado Júnior. 3. Ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

SIMMEL, Georg (1983). Sociabilidade – um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAIS FILHO, Evaristo (org.). **Sociologia**. São Paulo: Ática. Coleção Grandes Cientistas Sociais, vol. 34.

SIMMEL, Georg. O indivíduo e a liberdade. SOUZA, Jessé e ÖELZE, Berthold (orgs.) **Simmel e a Modernidade**. Brasília, DF: UNB, 2005a.

SIMMEL, Georg. **As grandes cidades e a vida do espírito**. *Mana* 11(2): 577-591, 2005b.

Recebido em: xx de xxx de xxx
Aceito em: xx de xxx de xxxx